

REVISTA AZUL

DIRETOR PROPRIETÁRIO: JULIO PERNETTA — REDATOR: DARIO VELLOZO

Publica-se duas vezes ao mês. Os originais remetidos à Redação não serão devolvidos, embora deixem de ser publicados. Assignaturas trimensais: Capital 28000; Fora da Capital 38000. Pagamento adiantado.

Escriptorio e Redacção: Rua Quinze de Novembro N.º 17

SUMMÁRIO

O amor materno	Dr. Justiniano de Mello
A invenção do calamo	A. Castilho
O mundo	Albino Silva
Na orla do abismo	D. Mariana Coelho
D'outros céos	Alberto Rangel
Mystic	Domingos Nascimento
Visconde de Nacar	Locílio Correia
Revista Azul	
Lírico	
Raspigas	Silveira Netto
A minha dor	Julio Pernetta
Mendigo	
Perseverando	Antônio Braga
Expediente	

REVISTA AZUL

O amor materno

E

A Educação pelos instintos

POR

JUSTINIANO DE MELLO

I

LUTA PELAS IDEIAS MORAES

Com a inflexibilidade e a justiça que lhe brilhavam na alma e no carácter, S. Vicente de Paulo opôz-se à sagradação de um pretendente a cadeira episcopal. A mãe do malogrado candidato lançou à cabeça do intrepido missionário, despeitada e fúria, um tamborete; mas S. Vicente de Paulo, enxugando o sangue que lhe manava da fronte ferida, conteve a vingança do irmão que o acompanhava, dizendo apenas: «Ves? Não é coisa admirável ver até onde vai a ternura de uma mãe por seu filho?»

Instinto ou sentimento, faculdade ou inspiração, ao amor materno incumbem, não somente a conservação indefinida da espécie, mas também o processo único, verdadeiramente eficaz, para a regeneração progressiva do homem e da família. Todas as reformas, todas as revoluções serão meramente exteriores, enquanto a maternidade de trabalhar na sombra para afastar do caminho luminoso, da forte claridade que nos vem do futuro, os ramos ambiciosos que debalde buscam desprender-se do poderoso tronco.

Nós somos e seremos sempre nossa mãe, pelo carácter ou pelo engenho, pela imaginação ou pelo sentimento, pelas crenças ou pelos preconceitos. Dizer que a ciência, que o estudo dissipam e varre do nosso espírito a poeira doída que trazemos da infância, é como afirmar que o nosso ouvido só percebe os ruidos estridentes, e não tem a memória dos échos apagados e longínquos. A atmosfera em que vive o nosso espírito também tem suas vibrações, que se produzem e se prolongam através da vida, embora só tenhamos consciência do raio último, daquele que nos fere actualmente a retina.

Discute-se as influências, os efeitos da hereditariedade; mas não somos somente um producto, um resumo fisiológico e moral dos nossos antepassados, mas também, e em boa parte, um desdobramento das pequenas impressões, dos juízos e dos actos, que foram como o primeiro ninho da nossa alma implume. As fatalidades psychológicas da mulher borram-nos de defeitos, de fraquezas, de misérias femininas; e bem que nos julguemos de um sexo a que nós mesmos demos a primazia, labutamos a vida inteira para achar o acento varonil da nossa indole. Evertard Home pensa que a disparidade sexual não é tão pro-

funda como geralmente se pensa, mesmo nos mamíferos superiores, e que o germén humano dotado indistintamente na origem de um ou de outro sexo, dependeria para caracterizar-se de simples acidentes como o da impregnação.

O que realmente não somos é um organismo independente e autônomo, que se move e desenvolve, perdendo ou deixando no caminho as moléculas primitivas, intellectuaes ou moraes. A nossa transformação opera-se como o crescimento das plantas endogenas, de dentro para fora; mas sempre subordinada as condições da substancia, molle e flexível, que se animou e aqueceu no sopro materno. E agora podemos inquirir pela historia desse instinto ou desse sentimento, para chegarmos a esta formidável questão: O amor materno se extinguirá na espécie? Mas não devemos ficar aí. — Perguntaremos ainda: Quando foi mais intenso o sentimento da maternidade: no presente ou no passado? Que adaptações e correctivos, que destinos lhe são consoantes para tornar-se uma força, disciplinada e útil? Nenhum symptom denuncia a decadência, o desfalecimento, a esterilização do amor materno na sociedade actual?

Não conviria tentar o histórico do admirável phänomeno, e mesmo fazer o balanço desse *eterno activo* da maternidade que imputamos ao nosso destino, como se fosse calor solar? As grandes cousas não preocupam o homem, porque não vêm para nós, mas andam e mornas. O habitante do nosso planeta não cessaria de falar em Júpiter ou em Saturno, se lhe dissessem que esses corpos celestes chegariam à línia da rotação da terra. Os cometas perderam todo o interesse, desde que nos convençemos serem elles uma massa fluida, imprópria para os choques desastrosos. A zoolatria seria impossível entre populações que estudassem a história natural; não porque esta altere o aspecto da observação vulgar; mas porque os animais divinizados pelos selvagens não seriam perante a ciência senão estóicos imperfeitos do homem, ligados à nossa existência sublunar.

Convém, entretanto, para a nossa felicidade, operar com as forças moraes, como o fazemos com as physis. O calor, a electricidade, o movimento, não são elementos mais fecundos, mais ricos, mais indispensaveis, nas aplicações da ciência, do que o amor materno no ponto de vista da perpetuação e enobrecimento da espécie. Sabemos quem descobriu a máquina a vapor e o telegrapho; mas ignoramos completamente qual o homem ou a mulher que mais fizeram pelos filhos. Temos estatísticas para conhecer a maior ou menor progressão dos crimes, dos nascimentos e dos óbitos, das boas ou más safras, das exportações de açúcar ou de tabaco, já fundamos um observatório astronómico, e podemos ler nos astros. Mas onde está o registro, o tombo ou o calendario de tantos sacrifícios admiraveis e obscuros: de tantas virtudes ignoradas ou modestas, de tantos leitos que ofuscaram pelo brilho, ou rescedem fragrância immortal? Aonde ficam os demographos da moral? Que nos contam dos phänomenos da ética popular, — desses fermentos de decomposição lenta, nas classes superiores: dessas labaredas que nos baixos stratos sociais consomem os resíduos putrefactíveis das paixões egoísticas vindos das alturas?

O conde de Tolstoi disse que nos impregnamos de productos toxicos, de fumo e de álcool, para adormecermos a consciencia e escaparmos aos problemas aterradores que nos sitiaram e pedem solução. Parece que fechamos a sete chaves todos os tesouros da vida moral, que alias não circulam no commercio das almas. Baixou ou subiu o sentimento do dever? Que dizes da taxa da piedade da justiça, do altruismo? Em que teares poderemos urdir o estofio dos bons costumes? Quais os terrenos favoráveis à semelhança do amor conjugal? Qual o nosso

stock de sympathias, de effusões carinhosas, de gosos inocentes? Quando teremos colheita de ternuras? Como importaremos a circumspecção, a altivez, a independencia? Qual o preço dessas mercadorias...estrangeiras?

Perdoe-nos o leitor se empregamos a técnica da praça em assumptos que não são ou não querem que sejam positivos. Temos por intuito despertar as consciências, aguillhão-las, para que reflitam nos problemas moraes, que também são os problemas sociais do nosso tempo. Usando da gíria da bolsa e do comércio, queremos associar, irmanar questões que não se repelhem; antes devem marchar unidas sob o jugo do carro da ciência. O espírito e o corpo saíram juntos do mesmo cadiño: o chumbo e a prata que se combinaram pela fusão devem estar na moeda que representa os interesses ordinários e permanentes da vida.

O amor materno deve ser estudado a luz da história e da pedagogia: da história, porque a escravidão da mulher em todos os tempos, explica o retardamento da civilização, o estiolamento das altas e poderosas ideias que difficilmente descem e se entranham na massa obscura; porque elle, apesar de confinado nos domínios da família, foi o maior e mais constante obstáculo à transformação das instituições sociais e políticas, à reforma das sociedades e dos governos. O instinto da maternidade sofreu sempre a ação corruptora do meio social, os efeitos da servidão, e reagindo a seu turno sobre os costumes, representa na sua physionomia inulta e selvagem o estacionamento moral do mundo moderno. O infanticídio, como tudo conduz a crer, foi a primeira repercussão no interior do lar, a primeira reivindicação violenta da liberdade feminina, açaunada pelo homem. As superstições religiosas, menos damnosas para o espírito do que para o carácter, abrolharam nessa leiva humida e agreste da maternidade, e sob a forma de despótismo político, desecharam sobre o passado da nossa raça o primeiro golpe mortífero. A timidez dos nossos pensamentos e dos nossos actos, a covardia que nos despe da toga viril e nos subjuga aos cuidados subalternos, aos desejos vagos e sem norte, brotou dessa primeira intimidade, somolenta e morna, que é como um esfúvio subtil da felicidade que nos penetra e adormece.

Considerado no ponto de vista das investigações pedagógicas, o amor materno é o axioma fundamental, de que se deduzem as soluções reaes e práticas da educação. Para isto, porém, é mister que elle seja equilibrado pela reflexão, polido pela arte, depurado pelo regimen, utilizado como uma força pela mecanica social. E preciso também que esse sentimento possa adquirir ainda maior intensidade, se é possível, ou pelo menos resistir à deterioração progressiva que lhe assinalam.

A história da maternidade é a demonstração viva dessa lei de solidariedade entre todos os seres organizados, que habitam o nosso globo; mas a cultura humana contrariou em todos os tempos a direcção superior que elle supõe, a organização nova que nella se encerra. Não ha senão dois modos racionaes de promover a cultura e de apparelhar a civilização de uma raça: — escolher um sentimento fundamental, um instinto, uma tendência geral da alma humana para dar-lhe a elasticidade comportável com as necessidades moraes da época, e assim fundar-se um culto; — ou eleger entre as ideias, que constituem a propriedade solitaria de um pensador ou o patrimônio de um grupo de homens, aquellas que mais se assemelham à indole e aos hábitos da massa, para torná-las o ponto obrigado das cogitações geraes; e deste modo estabelece-se, systematiza-se uma religião. Mas ahi temos duas faces do mesmo phänomeno. O rito e o dogma são a expressão, para assim dizermos, material dos sentimentos e das ideias, que constituem a força real predominante na synthese religiosa. Resta outro meio, que chamaremos empírico, de suprir o vacuo das almas profugas das crenças e consolações hauridas na religião, mas que limita e restringe o problema, o *quid ignotum* da vida do universo e do destino humano: é a ciência.

Parece que o objecto e a definição mesma da ciencia estão em contradição com o que se aspira e se procura ao pé dos altares, sob a abóbada dos templos; mas, entretanto, é forçoso dar satisfação a esse desejo que tem muito de sensual para fundir-se e assimilar-se numa curiosidade severa, ou numa indagação científica.

Os Gregos e os Romanos, que fundaram a religião sobre o amor phisico, foram povos religiosos, no sentido mais extenso da palavra. Os seus dogmas copiavam ingenuamente o sentimento primitivo que sobreendava no tumulto decrescente dos instintos selvagens. Por outro

lado, elles representavam nos mythos e nas cerimônias do culto os archetypos, os ideias que ocupavam a cupula da sua civilização. A coragem (*virtus*), a piedade, a hierarchia, a belleza, a sabedoria, tinham cada uma seu simbolo material entre aqueles povos, peritos na cultura dessas disposições particulares, sem as quaes os homens não se abalancam a grandes coisas, antes vivem atolados no chão cenoso da rotina. Não foram elles que consagraram um templo à piedade filial, no mesmo sítio em que se passaria a scena tocante descripta por Plínio?

O judeu, que se nos oferece como o typo essencialmente religioso, como o producto de uma selecção entre raças ou tribus polytheistas, dadas as práticas do fetichismo e da idolatria, foi o *catholico* daqueles tempos em que a semente do christianismo ainda jazia sem humus. O temor e a esperança, jungidas a ameaça sempre impendente da anniquilação phisica, foram as pedras basilares do edifício monumental, que resistiu durante séculos aos temporaes desfeitos da discordia e da conquista. O phénomeno mais importante da história desses semitas foi a organização systematica do ensino *leigo* e *democratico*, ministrado a princípio pelos prophetas, e continuado pelos scribes.

Olhada em globo a evolução das sociedades e dos impérios extintos, nota-se que as religiões e as philosophias, as letras e a política deram-se as mãos para adaptar a consciência humana a uma formula, a um sistema, à uma doutrina exclusiva. Fez-se assim a civilização de uma raça, de um povo, de uma parte mais ou menos considerável do mundo habitado. Crearam-se zonas do pensamento, como fundavam-se colônias militares. Não tardou muito que o dogma matasse a moral, que o Estado absorvesse o individuo e a família; mas dogma e estado são também attacados na sua constituição e no seu prestígio.

Ha quem diga que certos instintos tendem a desaparecer. Não ha duvidar que elles vão perdendo da sua vivacidade primitiva, dessa espontaneidade sem a qual as religiões seriam impossíveis. Mas outros sentimentos oferecem um carácter moderno, e são por certo o producto da cultura dos séculos. A piedade, o pudor, a caridade, são aquisições que supõem um progresso moral. A emancipação da mulher, a extinção da escravidão e do proletariado, a humanidade para com os vencidos, a protecção ás crianças, aos fracos e aos enfermos, — são aspirações e conquistas que o homem moderno perfeitamente concebe e das quaes elle tirara ainda novos desenvolvimentos. Se uma nova religião fosse possível, ella teria como pedestal alguns desses grandes instintos, não surprehendidos ainda pela reflexão sempre em busca de aplicações e remodelamentos, que punham todas as forças da natureza num plano uniforme, sob uma disciplina estreita e mesquinha. Mas não é de receiar uma tentativa semelhante á quantas nos revela o martyrologio da humanidade, jogada sempre para um ou outro ponto do horizonte pelo braço do despótismo religioso e político. O espírito critico do nosso tempo seria um broquel e uma forte arma de combate: elle serviria também de preservativo contra a exageração do sentimento religioso, de um como azérbe opposto a violências das paixões sectarias, ao desencadeamento da intolerância e do fanatismo.

Quando os homens se reunirem para discutir sobre a escolha do seu *deus*, e voltarem as costas aos templos vazios e solitários das religiões extintas, perguntarão talvez se, do naufrágio das tradições e das crenças amadas na infancia, restam alguns despojos, alguns fragmentos diante dos quaes se possa dizer, contrastando a aposrophe do *Faust*: *Isto é falso!*

O amor materno, cremos, aparecerá no meio de uma sociedade sceptica, fatigada de especulações metaphysicas, como o ultimo raio calido, como o ultimo phosphena na iminência de uma longa e tenebrosa noite. E crivel que o homem, emancipado de suas erronias, na plenitude de sua força intellectual, robusto de alma e de corpo, senhor das riquezas naturaes e accumuladas, deixe de sentir-se ligado pelo coração e pelo espírito, a unica providencia que conheceu na vida, tanto mais engenhosa na ternura, tanto mais inabalável no affeçao, tanto mais divina no rosto e na alma, quanto mais duras, ingratas e miseraveis foram as condições e as phases do nosso destino?

Como quer que seja, a maior necessidade, a maior urgencia do tempo, é a educação. E se da educação não fizermos um culto, como da maternidade um altar, se não impellirmos a cultura humana pelo caminho da sympathia, das grandes abnegações, se não fizermos da vida um

banquete em que todos se nutram, em que todos se amem, e se confortem, — teremos, — nós que nos volvemos em torno de um egoísmo intransigente e feroz, cultivado os fermentos de um immenso pantano, para envencnar a existencia das gerações futuras.

Mas não faltará quem diga: Como queréis acordar a libra religiosa, se esta tem vibrado apenas na idade juvenil dos povos, nessa quadra das emoções ingenuas, dos facetas entusiasmos, das illusões mysticas e vaporosas, incompatíveis com as épocas em que o industrialismo domina, e o homem vive à cata não de imagens suaves e risinhas, mas de gosos sensuais e vantagens positivas?

Não apresentamos ao nascer as rugas da senilidade? Nós, americanos, que nos julgamos de hontem, ainda próximos do berço, não oferecemos signaes evidentes de decadencia, como já se repepe entre os sabios e escriptores do velho mundo?

Responderemos com um geologo e com um economista. O geologo diz: Quando penso que a ordem actual das causas remonta a cincuenta ou sessenta séculos no maximo, sou tentado a julga-la de hontem. Doze ou quinze vezes o numero de annos que pode viver um carvalho; cincuenta ou sessenta vezes aquelle que attingem muitas vezes os proprios homens, conduzir-nos-hiam além do tempo em que a raça humana appareceu pela primeira vez no globo. Nós somos tão jovens sobre a terra, que não tivemos ainda o tempo de reconhecer a pequena porção de sua superficie que nos foi cedida pelo oceano.

Se esta convicção da mocidade da nossa especie tem alguma causa de mortificante para nossa vaidade, eu vejo motivos nisto para que ella se entregue a esperanças de aperfeiçoamentos futuros. Somos ainda bem jovens para sermos sabios; e talvez os nossos vindouros rejeitarão com razão para a primeira infancia do mundo, os nossos tolos preconceitos, as nossas ridículas instituições, o nosso furor em nos destruirmos, e esse pendor para medidas violentas que são repelidas tanto pela razão como pelo sentimento de humanidade.

O economista pondera: Nesta idade unica de transição todas as autonomias se oppõem. Dir-se-ha veridicamente que estamos em decadencia; será não menos verdade sustentar que estamos em progresso. E que com efeito não existe uma só sociedade, mas duas sociedades incompatíveis, supplementares uma da outra, uma a outra superpostas; uma sociedade de iniquidade que se vae putrefazendo, e uma sociedade de nova ordem, a do trabalho, que tende a se formar sobre a primeira.

E note-se mais o que estas palavras exprimem: — Os actos de moral prática, exemplo de todos os dias, desinteressados, anonymos, em que o individuo sem mesmo ter o tempo de refleixão, arrisca a sua vida pela de outro, são raras vezes actos das classes distintas. Lançar-se à agua para salvar um homem q' sc afoga, precipitar-se ao encontro de um cavalo desenfreado, affastar um obstáculo à frente de um trem em movimento... eis o que fazem quotidianamente os miseraveis sem instrução nem educação que as pessoas bem educadas olham e tratam de tão alto.

Congreguemos em torno da criança, da geração que deve suceder-nos, a paixão e a scienzia. A paixão pelo ministerio sagrado das mães; a scienzia pela associação de todos os espíritos serios e reflectidos, de todas as intelligencias cultas. Se as mães oppõem a objecção da sua fraqueza, demos-lhes a força, a iniciativa, que lhes falta, pela liberdade, pela instrução, pela confiança. Se os homens de talento parecem hesitantes, se allegam as lacunas, as obscuridades da scienzia da educação, digamos-lhes que estão em atraço lamentavel com o seu seculo, que a duvida dissipase, que a verdade levanta-se intemerata e secunda das academias e das escolas, do gabinete do sabio e dos conselhos do governo, dos mais modestos como dos mais altos cimos do pensamento.

A educação não é mais uma theoria poetica, um romance engenhoso, em cujos episódios a imaginação se deleita, porem baldo de factos reaes e noções verificadas e precisas. A doutrina da evolução, imprimiu extraordinario impulso ás sciencias sociaes, cujos methodos melhoram à medida que se affastam do conceito aprioristico e da influencia da tradição metaphysica. A ethica, a jurisprudencia, a economia política, a critica religiosa e literaria, a pedagogia, não sendo mais simples registos de cogitações pessoais e abstractas, compartem, graças à hypothese da evolução scientifica, daquelle mesmo critério que torna irrefragaveis as demonstrações e os resultados das sciencias physicas e naturaes. A psychologia solitaria, deductiva, sobre a qual se fundará a theoria da educação, sucedeu o estudo dos phenomenos psychicos,

baseado sobre a comparação com outros phenomenos, da qual resulta o conhecimento da unidade entre a scienzia da alma e a da vida organica. O homem, a criança, como cíos que são da longa cadeia dos seres foram postos em confronto com outros tipos organicos, reconduzindo-se assim o facto psychico ao facto biológico. Esta nova direcção consolidou e alargou o campo das investigações pedagogicas. De facto: a imaginação e ao empirismo dos observadores de outrora, a quem devemos algumas descobertas consideraveis, algumas deduções felizes, algumas applicações engenhosas na arte da educação, sucedeu a exposição integral dos factos particulares e geraes, o computo de todos os desenvolvimentos proprios do ser humano em suas formas reaes e concretas. A luz deste critério, não só podemos explicar diversas manifestações da actividade do espirito, como assentar as regras, os preceitos didacticos sobre indicações subministradas pelo proprio organismo, physico e moral. No ponto de vista que nos ocupa, tudo na natureza subjectiva se patentiza como co-relação e analogia: — o trabalho psychico co-relaçao com o trabalho nervoso; as aptidões e as vocações suppõem a existencia de certas condições ingenitas ou hereditárias; os instintos, por vezes selvagens da criança, as surprezas da criminalidade no adulto, a maior ou menor capacidade mental dos individuos, o carácter das raças e dos povos, os preconceitos, as superstições, a superioridade ou inferioridade dos sexos, as mil questões, finalmente, que solicitam o exame dos sabios e pensadores, guardando entre si relações estreitas, aclaram-se de uma luz viva quando reconduzidas ao critério superior e synthetico da doutrina da evolução. Assim como no individuo se refaz a vida da especie, assim também a pedagogia, que enfeixa os principais aspectos da vida intellectual e affectiva, reproduz, de modo abreviado, na cultura do individuo, o progresso historico ascendente do corpo social e da civilisação.

A INVENÇÃO DO CALAMO

(Tradução de epigramma grego)

Calamo fui, fui planta brava,
Que não dava
Pomo, ou ligo, ou cacho; não;
Virgem, como o córo Aonio,
Como a elle no Heliconio,
Me encantava a solidão.

Um passante em mim repará,
Pensa, para;
Uma ideia lhe inspirei:
Chega, corta-me, e eu, silvestre,
Aparado por tal mestre
Mestre ao mundo me tornei.

Bebi lagrimas da aurora;
Bebo agora
Negra tinta e folg, mais;
Tenho voz, eu q' e era mudo;
Nada sei, e ensino tudo;
Torno os homens immortaes.

A. CASTILHO

O mundo!...

Não te ponhas a rir de cousa tão séria, meu rapaz. Tens diante dos olhos um kaleidoscopio: vistas variadas, bellezas apparentes que se transformam rápidas como todas as cousas ficticias.

O mundo não é um brinquedo de creança, ao passo que tu és um ingenuo espectador da comedia humana...

Vou erguer apenas uma pontinha do véu que te separa do mundo real.

Olha para aquelle quadro: São bemfeiteiros da humanidade que morreram de fome e de mi-

seria em quanto os reis inuteis e os potentados banqueteavam á custa do sangue e das lagrimas do povo...

Pensas viver em um mundo onde ha ordem, communhão, e amor do proximo ? Escuta o que diz o proletario que sofre sede de justiça, a orphã que maculou a sua virgindade nos braços de um seductor ... o velho soldado que sacrificou sua mocidade e derramou seu sangue pela patria, e o proletario, e a orphã, e o invallido te dirão o que é o mundo !..

Já tens ouvido dizer : infeliz de quem morre, e eu te digo : desgraçado de quem vive. « A vida resume-se apenas em uma agonia prolongada. » Só as inspirações harmonisam-se com o ether que respiramos e nos suavisa algum tanto os sofrimentos. Felizes podem ser somente alguns simples que acreditam nas recompensas eternas.

O mundo tem para ti todas as seduções, todos os encantos, e tu brincas contente, risonho como uma alma que sobrenada em oceano de perfumes, espirito que só sente emanacões doces, effluvios suaveis que exalam as azas mysticas dos anjos da primavera.

Oh ! quão felizes realmente não seríamos se pudessemos viver sempre essa vida descuidosa da mocidade !... Mas, se ainda mesmo nas primaveras ha tantas noites de tormentas e dias borrascosos !

Quantos jovens como tu, não têm chorado e maldito do seu viver ao mesmo tempo em que outros cantam alegres os hymnos do prazer e da ventura ?

Olha, meu rapaz, não creias que o verdadeiro mundo seja esse que tu vês pelo prisma de tuas phantasias. O mundo real é uma causa indefinível, um mundo cheio de vicissitudes e transições, repleto de maldade, de vicios e de enganos.

Queres saber onde habita a innocencia ? Onde não ha especie humana.

Queres viver longe do egoísmo, dos vicios e da imbecilidade ? Foge de ti mesmo...

Se aspiras as alturassociaes, riquezas e glorias, aperfeiçoa te na arte do embuste e da bajulação prega a virtude por toda parte, lisongea a vaidade de todos os senhores da terra, nunca des razão ao fraco contra o forte. Assim construiras para ti a escada magica por onde sobem todos os grandes da terra e ganharás a auréola resplandecente dos heroes.

Ha quantos mil annos os philosophos e os legisladores, os bardos e os prosadores, trabalham para aperfeiçoa as causas do mundo social e até hoje esse mundo é um chão medonho onde existem luz e sombra, flores e espinhos, hidromel envenenador, mananciaes ferventes, supplicios de Tantalo, confusão de amor e desespero, mistura do bem e do mal, do bello e do horrivel !

Os que têm pregado idéas santas de amor e de perdão, os que se têm deixado conduzir pela sciencia e pelos grandes principios donde resultam os progressos humanos, morrem crucificados como Christo, cegos como Gallileu ou envenenados como Socrates.

E eis ahi o mundo, eis ahi a sociedade humana — monstro de mil braços e de mil formas,

que ri-se muitas vezes e finge piedade para atrair as suas victimas e depois devorá-las.

Sabes tu, por ventura, o que é uma prostituta mentirosa até o cynismo, corrupta até a podridão, mas cheia de seduções para os que farejam os regalos da vida mundanal ?

A sociedade é isso, mas anda mascarada, envolta em finos e delicados tecidos para que ninguém lhe descubra as pustulas repugnantes, nem as deformidades de sua estructura hedionda.

Vive, porem, meu rapaz, a vida das illusões e esquece este quadro triste que te fiz ver da negra e fria realidade do mundo.

ALBINO SILVA.

NA ORLA DO ABYSMO

L

evanta a timida fronte,
Sublime martyr do amor !
Contempla n'outro horizonte
Fulgido astro redemptor !

Poetica imagem da rosa
Que a amar se definha e esvae,
Não sigas a mariposa
Que morre na luz que a atrahe !

Arranca ess'alma ao abysmo,
Onde a pode arremessar
A onda do fatalismo !

Eu venho-te aconselhar
Philosophia e estoicismo,
Para essa dor conjurar !

MARIANNA COELHO.

D'outros ceos

(Correspondencia do Rio)

28—Agosto—97

L

Escrevo desrespeitosamente deitando o papel sobre uma pagina transcedente e exhotica de metaphysica buddhista. Se pois aqui vos apresentasse, com uma saudação, tres phrases de mystica reverencia sobre as quatro verdades sublimes reveladas pelo Çakyamouni ou uma dissertação sobre as doze condições que se encadeiam para produzir a Vida : « esta grande massa de males !... » vós, leigo da Revelação contida no Tripitaka, completamente cégo para vos encaminhades ao Nirvana, por desconhecerdes a Lei !... horrivel !... Antes... antes, leitor delicado e amigo, nunca lesseis esta proza ensopada em Vulgaridade e o que vos fosse apresentado antes fosse leve folha transparente de papel de arroz, sobre a qual eu, a semelhança do poeta chinez, vos falasse na linguagem muda e chimerica dos lyrios ás andorinhas que fogem... ou então vos transcrevesse, n'aquelles caractéres (cujo unico conhecimento já constitue toda uma Sciencia colossal) e que se vêem sobre os pacotes de chá, em linhas paralelas—como as vinhas são plantadas—algum trecho arrancado a um dos livros santos de Fó !

Porém, não. Nada d'isto !

Mas porque ao d'aqui estender-vos a mão, phantasias vêm-me á cabeça, como abelhas ao lar da colmeia, zumbindo e agitando as azitas, até deixando a Epistola toda envolta na trama subtil de Sonhos esboçados !

A alviçareira Imprensa alvoroça-se.

O cholera ! O cholera ! que de lá dos portos da Italia, talvez em *vestos* de viagem, a chapelleira na mão, bonet grego á cabeça, binocolo a tira-cólio, como um *touriste* vulgar, tomou o seu bilhete de passagem a bordo do *Carlo II*, até este sólo da Patria !

O navio chegou. Como aquella mãe russa, que atirava a prole aos lobos que a perseguiam, elle pelo oceano em fóra veio atirando cadaveres ás dezenas.

Vae voltar por ordem do Governo. Déram carvão ao esquife e elle partirá, como o navio fantasma da legenda, no abandono da Morte que devasta, por sobre as espumas do mar vertendo as impurezas da *saine* que lhe escorre nas pranchas.

A Junta de Saúde foi de umas solicitude funesta. Deixem vir o cholera !

Traga-nos o cholera a cólera do Destino ! Estamos em plena Decadencia ! ...

Venha dar-lhe a ultima de mão, este mensageiro indiano, com a ferocidade inílludivel d'aquelle Huno que no Imperio Romano até as hervas talou !

Que elle venha !

Surja então apóz a Destruição de sua mão, o Renascimento desejado.

Ao lymphatismo moral que nos quebranta, o plethorismo que nos fortaleça.

Porque o nosso Espírito enraizado n'essa degenerescencia collectiva da Vida Nacional, é como a figueira maldita pela boca do nazareno Jesus !

Que elle venha—o cholera !

Pena que o seu sopro torpissimo, tenha a complacencia de deixar alguém que respire.

Devia elle a todos nós d'esta geração abater e que depois d'essa vasta Extinção, a Madre da Terra cuspissem á Existencia o novo autochtone, que certamente não seria polluido como nós o somos pelas miseraveis heranças que trazemos desfeitas no sangue e argamassadas nos ossos.

Que então se seguisse a reconstrucção d'esta Patria, livre de nossas degradações e de nossa infinita Fraqueza !

Friagem que esta atmosphera traz nas suas azas impalpaveis que foi capaz de atacar-me de sua rispidez penetrante ! Quando eu deveria es-correr o mel delicioso do atticismo na phrase e do optimismo de Cândido nas idéas ; por causa desse leve sopro de hinvernia longinqua, vou mandar vos n'um estylo incolôr, meia duzia de pensamentos convulsionantes, como os que agitavam a alma d'aquelle *psychopatha lucido*—o Hamlet da Dinamarca !

Influencias climatologicas ! vêde ? Se o Dia- o grão sacerdote da Luz na ornamentação de seus paramentos pontificaes assomasse cultual-

mente ao Oriente, elevando o fulvo evangelio do Sol, por entre a lithania solta das gargantas dos passaros, esta pobre e insipida *intenção* de chronica, pela influencia desse pomposo ritual (como os mais pomposos na liturgia sagrada do Egypto) teria a imponencia antiga desses antigos papyrus que descreveriam esses ceremoniaes !

ALBERTO RANGEL.

MYSTICA

I

A Leoneio Correia

(I) inverno é branco... o vento é frio...
— O inverno desce um lençol branco,
E o vento estende-o... tão sombrio !
— O inverno mostra o lençol branco,
E o vento arrasta-o, rijo e frio...

Desce a poeira das geadas.
Sopram rebeldes as suestadas.
Ao vento asperrimo e sombrio
Gemem as fraças enroladas
Num lençol branco
Sereio e frio !

Neve de manso... neve de manso
Pulverisando, recortando
No velho monte alvo capuz,
E alva mortalha na campina...
— Em quanto o sol, em tardo avanço,
Na alva escumilha da neblina,
Vae friorento repontando
A' meia luz.

Ai, coração frio, marmoreo !
O rijo inverno da descrença
Neva-te. A neve é fria e intensa !
O coração não gême, — dorme...
— Que nesta nevoa densa e enorme
Nem luz ao menos frouxa, dôre-o !
Que o coração, sem luz, sem crença,
Nem gême, — dorme...

Alma, resurge deste tumulo,
Dessa frieza glacial !
A indiferença é um cumulo !
A indiferença é um mal !
— Alma, não durmas nesse tumulo...

Porque rolar por esse abysmo,
Esse profundo abysmo insonte ?
Ergue-te ! Vês ? — Borda o horizonte
A' luz que espanca o mysticismo,
O arco-iris da aliança !

— E o inverno avança !... e o inverno avança !
— Que a mesma ave da descrença
Traga-te a luz, traga-te a vida !
Que n'uma alacridade immensa
Traga-te um ramo de esperança,
Alma querida ! alma querida !

DOMINGOS NASCIMENTO.

1893.

VISCONDE DE NACAR

A outro, que não a mim, devera tocar a dolorosa incumbencia de abrir um triste parenthe-
sis na vida harmonica e sonora da *Revista Azul*,
para esboçar, a largos traços, a grande individu-
alidade, para sempre desaparecida do mundo,
do benemerito e preclaro cidadão Visconde de
Nacar.

Em mim, talvez salem mais os impulsos do
coração do que a serenidade da razão. Que im-
porta? Si não venho biographar a poderosa
mentalidade de um genio, venho fazer justiça a
um carácter socratico, a uma alma spartana, a
um coração de ouro, à vida gloriosa de um ho-
mem que, entre tantos outros, que viveram no
seu tempo, debaixo do mesmo céo, soergueu
mais alto o seu nome pelo longo e luminoso ro-
sario de serviços prestados à causa do engran-
decimento de sua terra.

Para mim, elle não foi um grande pela cumu-
lação de distincções que recebeu: foi um gran-
de pela honra, foi um grande pelo coração.

Sob a atmosphera plácida e venturosa que
crea o aconchego do lar, que palpita no riso da
creança, no olhar dos filhos queridos, no sorriso
da esposa venerada, ninguem foi maior do que
elle, embora na vida publica fosse sempre o
grande e incomparável sol, que, mesmo em seu
melancholico declinio, tivesse as largas fulgura-
ções inaccessibleis aos pequenos astros, ainda
mesmo em todo o esplendor do seu zenith...

Não possuia os fulgurantes lampejos do genio:
tinha uma vasta e completa instrução das cousas
e em tão alto grao, que, as vezes, dava-lhe a es-
tatura illuminada de um vidente.

Seu coração era como um céo que se desdo-
brasse incommensuravelmente, sempre azul e
tranquillo, e em cujo ambito brilharam muitissi-
mos astros, alguns já apagados, outros em plena
floração de luz, e ainda outros já sem o fulgor
adamantino do sol em seu levante...

Quanto a mim, não sei de paranaense que ma-
is merecesse do que elle.

Animou as letras e as artes: alforriou os seus
escravos antes da lei de 13 de Maio, para cuja
promulgação concorreu com o seu voto; foi bom
e honesto, foi leal e nobre, e na esphera da ac-
tividade publica, galgou, palmo a palmo, todas
as posições, que são dadas ambicionar ao ho-
mem politico.

A minha penna se embebe em lagrimas, para o
cumprimento da missão a q' me quiz impor. Basta.
As pulsões silenciosas do coração falam mais
alto do que todos os estrépitos das homenagens
posthumas. Por isso, hoje que estão fechados a-
quellos olhos, que animaram a tanta vida, seja-
me dado o ultimo consolo, de derramar, sobre
o seo tumulo recem fechado, uma lagrima, ao
menos, das tantas e sinceras que detramei quan-
do, como um funesto dobre de finados, a noti-
cia de sua morte soou-me tristemente aos ouvi-
dos...

LEONCIO CORREIA

Revista Azul

Recebemos o 1.º n.º d'esta interessante publi-
cação quinzenal, que acaba de appaecer em
Coritiba, da qual é director e proprietario o Sr.
Julio Pernetta e redactor o Sr. Dario Vellozo.

A « Revista » segundo os dizeres de seu artigo
de apresentação pretende occupar se exclusiva-
mente de litteratura, offerecendo, como já offre-
ce nesse seu 1.º numero, alguns bons e varia-
dos artigos de leitura amena.

Desejamos ao collega propicios ventos que o
impulcionem para a existencia de longo e glo-
rioso futuro.

(D' O Commercio)

Entrou-nos pelo escriptorio a dentro, rescen-
dendo os mais esquesitos e orientaes perfumes
— com todo o aprumo e faceirice de moça bo-
nita e que sabe que o é, a mimosa e chic filha do
Julio Pernetta e Dario Vellozo.

Catita, muito catita a « Revista », com a sua
soberba e explendida toilette azul.

O « Campos Geraes », que sabe apreciar as re-
gras da mais rigorosa etiqueta, não se demorará
em retribuir a gentileza de sua formosa collega
e quem sabe si o Dario ou o Julio não terão
que responder a um pedido de casamento, feito
com todas as formalidades?

Ah « Revista »! « Revista »! O « Campos Ge-
raes », está mesmo perdido de amores!

(Do Campos Geraes)

E' il titolo di una nuova pubblicazione lettera-
ria che ha veduto la luce in questi giorni. Aven-
done soltanto ieri l'altro ricevuto il secondo nu-
mero, abbiamo involontariamente omesso di par-
larne nella passata domenica.

La *Revista Azul* che si pubblica due volte alla
settimana, è di proprietà del signor Giulio Per-
netta. Ne è redattore il signor Dario Vellozo.

Fra i collaboratori di questo secondo numero,
vedo i nomi dei signori Cunha Brito, Coelho
Netto, J. Tapitanga, e della signorina Marianna
Coelho; infine tutta una schiera di giovani pieni
di brio, di intelligenza e di spirito.

Augurando loro che la graziosa ed elegante
rivista abbia vita prospera e lunga, li ringrazia-
mo dell'offerta fattaci e li ricambiamo fin d'oggi
col nostro modesto periodico.

(Do Corriere d'Italia)

LYRICO

Cada vez se confirma mais o que já disse-
mos: — a troupe do Sr. Cassone é uma com-
panhia bem regular, possuindo algumas figuras
bem salientes e dignas de figurar em compa-
nhias de maior responsabilidade.

Entretanto, o nosso publico não se tem porta-
do na altura dos seos deveres concorrendo aos
spectaculos, quando nada menos para dar pro-
va do seo bom gosto.

Companhia como essa e por tal preço tão cedo não virá ao Paraná, principalmente deante da indiferença do nosso publico.

As operas cantadas ultimamente o tem sido de modo a satisfazer os mais exigentes.

O *Ruy Blas*, a grandiosa opera de Marchetti, teve uma execução harmonica e homogenea.

Nesta opera teve a Sra. Cartocci um dos seos mais importantes papeis, a que ella dá todo o realce. Ella soube ser uma rainha altiva e amorosa e, mais do que isso, soube cantar com uma docura notavel toda a sua difícil parte, conquistando entusiasticos aplausos do publico.

O Sr. Bersani, cuja voz é bem timbrada e volumosa, foi um *Ruy Blas* acima do vulgar, cantando com bastante sentimento.

Os Srs. Forti e Mori, como sempre : irreprehensiveis.

Os coros andaram bem afinados e a orchestra correctissima.

—O *Fausto*, a bella opera de Gounot, esse conjunto de bellas melodias, foi a ultima opera que deo a companhia em recita de assignatura.

O desempenho da opera foi um verdadeiro triumpho para a companhia.

O papel de Margarida dizendo-se que esteve confiado á Sra. Cartocci tem se dito tudo.

Graça, sentimento, expressão,tudo ella soube imprimir á sua bella voz para interpretar a bella partitura do maestro francez. A bellissima aria das joias foi magistralmente cantada.

O Sr. Bersani foi regularmente bem no papel de *Fausto*, posto que não estivesse muito senhor do seo papel.

O Sr. Mori no papel de *Mephistopheles* esteve soberbo, sendo muito aplaudido principalmente quando cantou a bella serenata do 3º acto.

O Sr. Forti, em secundario papel, o mesmo cantor de sempre.

—A *Traviata*, a bella partitura de Verdi, é bastante conhecida do nosso publico, o que não impede de ser sempre ouvida com interesse e prazer.

Esta opera é a pedra de toque para os sopranos e foi nella que a celebre Adelina Patti se immortalisou, conquistando a fama e o nome que conquistou.

Pois a Sra. Cartocci, sem querermos sujeitala a confronto, tem nesta peça a sua mais bella criação, o que importa dizer que é uma cantora distinta e conscienciosa.

Toda a parte final do 1º acto ella cantou magistralmente, provocando os mais entusiasticos aplausos do publico.

—Tivemos uma novidade artistica: a representação dos *I due foscarì*. O nosso publico foi que pareceo não ter dado pela cousa, por isso que deixou o theatro quasi vasio. Pois não sabe o que perdeu.

Esta opera de Verdi, ainda de nós desconhecida, é uma bella pagina musical, uma nota ininterupta de melodia.

E os poucos que lá foram apreciaram immenso a partitura do velho Verdi e applaudiram immenso os artistas que realmente estiveram na altura da situação.

A parte confiada á Sra. Cartocci, no papel de Lucrecia, teve não pequenas dificuldades, mas ella soube vencel-as, cantando correctamente.

O Sr. Bersani esteve n'uma de suas noites felizes, arrancando entusiasticos aplausos.

O Sr. Baracchi tem nesta opera o seo melhor papel, uma verdadeira criação. O publico disto convenceo-se logo, tanto que não poupo-lhe aplausos.

O Sr. Mori—o mesmo artista intelligente de sempre.

O corpo de baile dansou nessa noite o lindissimo bailadoda *Gioconda* fazendo franco sucesso.

RESPIGAS

1—Dr. Charcot.—Começamos, leitora, desfolhando, em nome da «Revista», e nosso, sobre o tumulo do grande sabio todo um rambilhe de goivos e saudades. Com o fallecimento do illustre clinico da Salpêtrière não foi só a França que perdeu um dos mais dilectos filhos, pois que a humanidade perdeu com ella um dos mais extremos irmãos.

2—Collaboradores.—Muito vae se enriquecendo nosso escrinio com a collaboração que nos chega quotidianamente.

No proximo numero conversarão as leitoras com o E. Montarroyos e Saldanha Sobrinho,—já nossos conhecidos : com o Barros Pessoa, talentoso moço, cujo nome pela primeira vez fulgura no jornalismo paranaense.

Neste numero surgem brilhantemente,—alem do glorioso nome do Dr. Justiniano de Mello,—os de Albino Silva, Domingos Nascimento e Alberto Rangel. Aprecie a leitora o valioso trabalho do Dr. Justiniano, o pessemismo sympathico de Albino Silva, o nephylibatismo adoravel de Domingos Nascimento; e do Alberto Rangel o extraordinario *exquis* da forma castiça e original e toda aquella *revérie* deliciosa, etherea, inemitavel.

3—Dias Braga.—(Como que vae,—leitora,—por este noticiario-chronica, *bric-a-brac, a la diable, fin de siècle...*)

Disse-nos o Sr. Joaquim Silva,—e muito nos alegrou a nova,—o Dias Braga chegará brevemente a esta Capital, e com elle toda uma troupe encantadora de talentosos artistas.

Com certeza, Coritiba é o paraizo.... Já temos tido noites magnificas, graças á boa vontade do Sr. Cassone. Depois o Dias Braga deliciar-nos-ha tambem.

Seja bemvindo.

4—Da lingua portugueza.—Agora rectificação necessaria. Em o numero passado, o artigo do Dr. Cunha Brito sahio com algumas incorreções.

Onde se lê :—«pois não é possivel compreender-se que, *por mais brandas*»,—leia-se :—que, *por meios brandos*,» e etc. E onde se lê :—«A essa torrente de gallecismos escaparam os *fructos da epocha*», leia se :—escaparam os *poetas da epocha*, e etc.

5—A' Imprensa.—Em nome da *Revista Azul*, penhoradissima para com os collegas, pelo modo cavalheiroso e amigo por que tem sido tratada, agradecemos á Imprensa as gentilezas todas de que temos sido alvo.

6—Com o Correio.— Queixam-se alguns dos nossos assignantes do não recebimento da *Revista*. Temos, com regularidade, remetido ao Correio os exemplares devidamente subscriptados...

Do respeitável funcionário, chefe da Repartição, solicitamos, pois, o obsequio de providenciar para que a distribuição de nossa folha seja feita com mais regularidade.

No proximo numero, palestraremos, leitora, a respeito de algumas novidades litterarias que temos encontrado na antiga *Livraria Quiroz*.

Até breve.

A MINHA DOR

Meiga, tão meiga, a mim quanto ella amava.
E eu a queria tanto. Era a bonança.
Eram meos os carinhos que ella dava,
Eram d'ella os meos risos da creança.

Mas a morte impiedosa, a morte cava,
Um dia arrebatou-a; que mudança:
Em vez do tanto amor que me votava,
O atroz deserto da desesperança....

Fiquei sem mão. Falto ainda isto
Para esse deos martyrisado e pulchro
Que pregou a resignação, pois Christo

Sofreu a dôr mais negra da agonia;
Poram não vio sahir para o sepulcro
A mãe querida, amortalhada e fria.

SILVEIRA NETTO.

MENDIGO

Mochilado pela edade, longas barbas brancas cahindo-lhe sobre o peito, esfarrapado capote sobre os hombros, velha rabeca de baixo do braço, elle pedia esmola, e, por cada esmola que lhe davam, agradecia arrancando do seu instrumento actas, ora víbrantes como gritos de alma revoltada, ora ternas e suaves como a musica do primeiro beijo.

E assim vivia honestamente o pobre velho. Um dia vi-o, rodeado por bando alegre de creanças que o escutavam. Sentado sobre as pedras frias da calçada elle tocava e parecia sorrir, com a felicidade ingenua dos infantes; deixando porem, correrem vagarosamente pelas faces enrugadas duas grossas lágrimas que desapareciam silenciosas por entre as longas barbas brancas que lhe cahiam sobre o peito.

Senti pelo pobre velho o respeito religioso que nos inspiram todos os que vivem esmolando; interroguei-o; fitou-me melancolicamente baixando de novo os olhos para a rabeca, seu unico confidente, unindo-a ao peito, estreitando-a mais, como se o instrumento pudesse, indiscretamente, revelar-me o segredo que vivia sepultado no tumulo vazio de suas illusões.

JULIO PERNETTA.

PERSEVERANDO

Mimosa jurity amo em segredo.
Me atormenta este amor e me inebria:
Medito longe della com tristeza,
Junto della minha alma se extasia.

A sua bocca a um botão é parecida.
De rosa semi-aberta, a pedir beijos;
Seus olhos são dois pontos de azeviche
Que brillam inflamados de desejos.

O seu sorriso é o sol da minha vida,
Brilhando-lhe na bocca purpurina,
Embrigam-me de amor... Vibram-me n'alma
As notas da sua voz nervosa e fina.

Sensação corrosiva, electrizante.
Na loucura fatal de sonhos quentes.
Se filtra no meu sangue quando vejo
Soltas as tranças como duas serpentes.

...Serpentes negras! quero ser suicida.
Fundar entre gemidos amorosos!
Matae-me lentamente, lentamente,
Preso, bem preso, nos aneis sedosos!

ANTONIO BRAGA.

EXPEDIENTE

Os Srs. Collaboradores da "Revista Azul" assignarão sempre os seus artigos.

Os artigos não assignados ficam sob a responsabilidade directa da Redacção.

Caso a "Revista Azul" suspenda a publicação antes de expirado o prazo das assinaturas, será pelo Director restituída aos Srs. Assignantes a importancia concernente aos meses restantes.

Por conveniencia do serviço, a cargo do Director, as assinaturas serão cobradas até Dezembro do vigente anno.